

# ANAIS DA I JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE  
PARINTINS PARINTINS  
2016

Weberson Fernandes Grizoste  
(Org.)

# Anais da I Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>

<facebook.com/latinitates>

Arte da capa: Thiago Godinho

ISBN: 978-85-7883-432-6

E-ISBN: 978-85-7883-431-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Universidade do Estado do Amazonas  
Parintins – AM  
2016

## RELATÓRIO

### Sobre a apresentação da peça teatral latina *Cistellaria* – “A Comédia da Cestinha”, de Plauto

Nívia Maria Messias Ribeiro

Co-autoria: Weberson Fernandes Grizoste

No vigésimo-primeiro dia do mês de outubro de 2016, no auditório da Universidade Federal do Amazonas, as 21:00h, houve a apresentação da obra latina *Cistellaria* (A Comédia da Cestinha) de Plauto – sob a Direção executiva do Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste; a partir da Tradução de Aires Pereira do Couto, com Adaptações ao português-brasileiro e Direção de Nívia Maria Messias Ribeiro – Monitora da disciplina Literatura Latina e ex-bolsista de Iniciação Científica, no biênio 2014-2016, do projeto *Dramaturgia, história e recepção. Plauto, Shakespeare e Gonçalves Dias* – discente de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas. Passa-se, portanto, a narração dos fatos, por mim, diretora desse distinto e singular acontecimento na área de Estudos Clássicos no Baixo-Amazonas.

Salientamos que esta é a primeira ocasião na história conhecida da cidade em que uma peça de teatro latino foi representada num palco universitário – e, quiçá, em toda a cidade. Houve intensa divulgação, uma vez que estávamos bastante envolvidos; havia bastante expectativa em razão da peça teatral, por muitas pessoas as quais alcançamos. De acordo com o cronograma, a dramatização estava prevista para o encerramento da *I Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins*, e contou com um expressivo número de expectadores – desde acadêmicos da UEA e UFAM, a docentes, alunos da rede estadual de Ensino e membros da comunidade parintinense.

Voltemos ainda ao princípio: a dramatização de uma obra clássica surgiu durante uma conversa com um grupo de acadêmicos de Letras – participantes da *I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas: Cultura clássica e gramática ocidental* e do *VI Encontro Nacional de*

*Professores de Latim*, realizado em Manaus entre os dias 24 e 27 de Maio de 2016 na Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas. Voltávamos para casa, numa viagem de barco, contemplando um céu estrelado ao barulho da embarcação, ao meio do imenso rio Amazonas, conversávamos sobretudo das atividades do evento. Todas as informações adquiridas somaram-se as leituras sobre a Literatura Latina, pois antes desse período tinha tido acesso à duas obras plautinas: *Curculio (O Gorgulho)* e *Rudens (O Calabre)*. Além de outras as quais pude estudar através do Programa de Apoio a Iniciação Científica – PAIC: *Truculentus (O Truculento)*, *Menaechmi (Os Dois Menecmos)*. Principiou-se com o desejo de representar *O Truculento*, mas por necessidade do público disponível para a atuação optamos pela *Cistellaria (A Comédia da Cestinha)*. Tínhamos à disposição a turma do sexto período de Letras e a maior parte do elenco de atores eram mulheres, motivo suficiente para que fosse eleita a *Cistellaria*.

Fizemos o possível para que os papéis fossem preenchidos de forma satisfatória e voluntária; mas, infelizmente a interpretação do Pai de Alcesimarco passou por duas pessoas antes de uma terceira que, de fato, o interpretou e, diga-se de passagem, assumiu o papel já no fechamento da prorrogação. Apesar do papel ter sido interpretado por uma mulher, de tê-la assumido tão tardiamente, a interpretação saiu divinamente bem e não deixou a desejar a irreverência atribuída ao personagem plautino.

Ter um evento desse porte em nossa cidade amazônica, berço do maior teatro folclórico do Brasil, o Boi-Bumbá, é de extrema importância para nós acadêmicos de Letras. Descobrimos e reiteramos que desde a fundação da Universidade do Estado do Amazonas em Parintins, esta foi à primeira experiência de uma peça teatral greco-latina ter sido interpretada na íntegra de uma tradução. Fato que nos deixou ainda mais determinados e satisfeitos por descobrirmos nossas influências culturais que contextualizam-se com obras literárias que perpetuam por mais de dois mil e cem anos.

### **As primeiras leituras e preparação da peça teatral**

Começamos com leituras da comédia latina, para assim, entendermos o contexto do enredo plautino. Reuníamos quase todos os dias de Agosto de 2016 para lermos, já que a escrita estava traduzida em português. Mas, a existência de palavras de calão do português europeu dificultava certas compreensões que num contexto brasileiro faria o público rir, fato que obrigou-nos a adaptar alguns termos à nossa linguagem coloquial. Partiu, muitas vezes, dos próprios atores que estavam achando a sintaxe e o vocabulário um tanto complicado, o que também impedia-lhes também decorar seus dizeres.

Um sentimento de ousadia me invadia. Pensar em reescrever a obra cômica do consagrado poeta greco-romano foi desafiador. Somente após o resultado foi que, realmente, me senti satisfeita, uma vez que vi-a adaptada à nossa realidade. Fizemo-la temendo e considerando *a coesão que faz dos gregos uma comunidade Linguística* (SILVA e BARBOSA 2010, p. 12). Após a adaptação da obra, a leitura tornou-se mais acessível.

Nesse período fomos compreendendo o contexto de cada ato e cena da comédia plautina. Tão interessante é que, a cada leitura, algo diferente na tradução surgia. Sentíamos a necessidade de começar a atuação dos personagens. Os sentidos de representação plautinas foram tomando corpo em nós e assim começamos os ensaios. Ensaivávamos a cada horário vago, pois o oitavo período – o último – não estava sendo fácil. Vivíamos as pressões vindas de todos os lados: cobranças das atividades propostas pelos professores das disciplinas do curso; construção de TCC, artigos, resenhas, análises, antologias, seminários, releituras de outras obras literárias para adaptação e guia de leitura. Mas, nada nos impedia de dedicarmos também aos experimentos da comédia plautina que se intensificaram no mês de Outubro de 2016. Ensaivávamos em qualquer hora e lugar sempre que achávamos tempo disponível como: Sala de aula; debaixo das Mangueiras no pátio da Universidade; na área interna da universidade; e chegamos até ensaiar na Praça da Liberdade – no centro da cidade, um espaço sublime, adornado pelas obras esculturais dos artistas de Parintins, que apesar de ser de construção recente, é já considerada um dos cartões postais da cidade. Nesse mesmo dia, na praça da Liberdade, também estava acontecendo uma atividade desenvolvida pelo Corpo de Bombeiro Mirim, e muitos

curiosos suspendiam a caminhada pela praça para observarem a movimentação cultural naquela manhã. Com isso sentíamos ainda mais a necessidade de mostrar a arte do poeta romano ao povo parintinense, e foi o que fizemos, nos preparando em todos os sentidos para fazermos a melhor atuação possível.

É necessidade justificar algumas adaptações. Ao consultarem a adaptação, os senhores poderão perceber que retiramos a fala do Deus Auxílio, porque achamos um pouco repetitiva quando se trata também da fala da velha Sira, além do encarecimento por falta de atores. Obviamente que temos consciência que é esta uma parte muito importante, do contrário Plauto não teria posto, e também porque é proferido por uma divindade ou por um personagem alegórico. Notamos aí a identidade, a crença e o grande respeito do poeta latino pelas divindades.

A apresentação foi apreciada por acadêmicos «maiormente» do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas, e do curso de Comunicação da Universidade Federal do Amazonas e dos alunos do Ensino Médio da Modalidade EJA – Educação para Jovens e Adultos da Escola Estadual São José Operário; além da presença de docente das supracitadas instituições de ensino. Foi uma experiência inédita, a qual tivemos o maior orgulho pelo conhecimento e interpretação. Passaremos, logo, ao relato dos atores.

### **Relato de alguns atores**

Selênio é uma das personagens principais da comédia, trata-se de uma moça apaixonada por um rico jovem, da cidade de Sícion, um homem submisso aos pais e que está proibido de sair do sítio, onde foi preso pelo pai para não se encontrar com a filha da cortesã. Esse papel foi interpretado por Diana Ligia Nascimento de Matos, com atuação diferenciada e desempenhado de forma excelente. Eis um breve relato seu:

Podemos afirmar que a peça “a Comédia da Cestinha”, foi o grande destaque do evento, contou com um grande número de acadêmicos e alunos da escola da rede pública que prestigiaram este momento.

Alguns alunos que nunca tiveram contato com a peça teatral e se tornaram destaque em suas atuações.

Este evento foi de grande relevância aos acadêmicos de Letras, pois é a primeira peça de Plauto da Literatura Latina realizada na cidade de Parintins (Diana Matos).

Diana, agora professora, enfatiza o fato de que vários acadêmicos de letras, nunca participaram de nenhuma interpretação no palco durante os anos letivos que estiveram na universidade, por falta de oportunidade. Como sabemos, há monopolizações nos papéis principais em muitas apresentações, com isso subestimando talentos de alunos menos atirados, que também podem ser explorados.

Nessa peça, desempenharam divinamente bem, por exemplo, alguns alunos tido por tímidos e por vezes retraídos. O teatro contribuiu para que tivessem liberdade no momento em que o poeta transpõe suas ideias escritas para a arte de representar. No caso de Plauto, a comédia está pronta e pouco cabe ao ator senão só interpretar tentando encontrar as nuances cômicas. As vezes é necessário dar um empurrãozinho para que se obtenha confiança, pois como se diz: ninguém nasce sabendo. Percebemos que, mesmo sob nossa desconfiança, todos são capazes de executar com êxito, desde que haja entrega ao papel. Foi o que se sucedeu com o nosso colega Ileison Teixeira Correa cuja experiência dá-nos agora a conhecer:

Na peça *A Comédia da Cestinha* fui designado a interpretar Alcesimarco, um dos papéis mais importantes da peça. A princípio aceitei. Só que depois queria desistir por causa da exigência dos meus colegas em interpretá-lo, pensei até mesmo em querer trocar, para fazer o Tinisco ou Lampadião. Ainda bem que não o fiz, porque, no decorrer dos ensaios eu vi que só eu mesmo poderia fazer esse personagem. Os ensaios ocorreram durante quatro meses, começando no mês de julho e foi até em outubro.(...) Mas, no final apesar das dificuldades e trabalhos excessivos(...), conseguimos fazer um belo espetáculo(...). Fomos bastante aplaudidos. Isso foi bem gratificante para todos os envolvidos da peça, principalmente para os colegas que interpretaram os personagens. Fiz o papel principal,

recebi elogios e muitos comentários positivos. Percebi que os esforços realmente vale a pena, e mais ainda, quando temos apoio dos colegas (Irleison Correa).

Ao aceitar o personagem, Irleison não pensava na dimensão que esse papel representava dentro da obra. Além de Alcesimarco ser uma figura dramática, ele precisava falar com alguns gestos pessoais, principalmente quando interpreta as dores de amor por Selênio, como na ocasião quando diz: *Sou sacudido, torturado, agitado, aguilhoado, revirado na roda do amor. Desgraçado de mim! Estou a morrer, sou arrastado, destruído, rasgado, despedaçado, por isso meu espírito está todo em trevas.* (*Cistellaria* 206-210<sup>18</sup>). Era momento de levar o expectador ao entusiasmo, fazer com que eles pudessem sentir algo essencialmente trágico. Tão logo esse clímax na obra é substituído por passagens cômicas. Incrivelmente nesse momento, nosso ator arrancou risos e aplausos com seu ótimo desempenho, o que nos deixou bastante satisfeitos e certo de que tínhamos acertado apostando no seu desempenho. O jeito tímido e pessoal do ator não deixou que ele liberasse o efeito dramático que esperávamos da interpretação – não faz diferença quando estamos diante de uma comédia – Irleison sentiu-se dono da situação e ainda superou nossas expectativas tendo decorado cem por cento dos dizeres de sua personagem.

Quanto a Halisca, escrava de Melênis, tratava-se de uma personagem simples, que parecia não ter muito destaque. Contudo, na hora da apresentação a personagem agigantou-se, fez o que todos os personagens plautinos devem fazer – se equilibrando no palco e tomando forma e corpo. O papel de Halisca era singular, porque se trata de uma experiência diferente da modernidade, isto é, retrata o convívio entre servos de a mais de dois mil e cem anos num contexto grego. Este papel interpretada por Cinara Ribeiro de Souza cujo relato transcrevemos abaixo:

---

<sup>18</sup> Citação da fala adaptada ao teatro representado durante a *I Jornada* a partir da tradução de Aires Pereira do Couto, corresponde a página 26 da tradução (*vide refer. bibliográficas*) e aos versos da *Cistellaria* 206-210:

*Iactor [crucior] agitor stimolor, uersor  
in amoris rota, miser exanimor,  
feror differor distrabor diripior,  
ita nubilam mentem animi habeo.*

Na peça eu fazia a personagem Halisca, uma escrava de Melênis. Foi de grande orgulho pra mim fazer uma personagem mesmo sendo escrava. Não que escravo não represente algo importante, mas no contexto da época os escravos eram apenas escravos. Logo, ter feito a escrava Halisca foi de grande estima pra mim, uma vez que a personagem aparece no desfecho da história com uma fala dramática, por ter perdido a cestinha (objeto que representava o encontro de mãe e filha), a escrava achava que sua senhora iria castigá-la. Porém, ao encontrar com os personagens Fonóstrata e Lampadião, que confessaram que acharam a cestinha, a persuadem a contar tudo o que ela sabia. Halisca conta o grande segredo da história; conta que Selênio, é filha de Fonóstrata e Demifão.(...) (Cinara Souza).

Falar sobretudo o que aconteceu durante a preparação, ensaios e apresentação é gostoso, porque nos encontramos diante de diversas situações; algumas engraçadas, curiosas e outras um tanto estressante, mas contornável. Há que testemunhar o desapontamento da atriz que interpretou Halisca no dia em que as vestimentas chegaram, pois se tratava de uma roupa feita toda de saca. A atriz realmente não se agradou do figurino, e nós na condição de equipe teatral tentamos animá-la mostrando a necessidade de aproximar-se o máximo possível da realidade grega, para que assim não ficasse chateada, e que percebesse que no palco seria somente uma personagem e não uma acadêmica a falar. A união do grupo deixou-a contente. O que mais nos deixou surpresos veio da maneira em que a mesma se produziu no dia da apresentação, era um figurino para além do que tínhamos imaginado – fato que observaremos mais adiante.

O personagem Tinisco, também um escravo na obra latina, não tinha muitas falas, mas sua apresentação era bastante importante. O acadêmico, Denner Souza Machado, que o interpretou compreendeu de forma louvável o contexto da obra como relata:

Com o propósito de conhecimento sobre a obra da literatura latina, ministrada pelo professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste, no dia 04 de julho, começaram os ensaios no Centro de Estudos Superiores de Parintins CESP –UEA. Os Acadêmicos estavam

muito eufóricos com a escolha de seus personagens. Com o passar do tempo foram se aprimorando à arte de encenar e a peça começou a tomar um certo grau de sentido e humor.

A peça tinha como protagonista o personagem Alcesimarco, era um rapaz apaixonado por Selenio que, não fazia muita questão em valorizar o amor daquele homem. A narrativa ia acontecendo com a presença de outras personagens como Tinisco, Melenis, Ginásio, Lampadião, Demifão, entre outros. Cada personagem tinha um perfil diferenciado, fator que contribuiu bastante para o desenvolvimento da comédia enquanto acadêmico, que naquele momento começaram a entender o contexto histórico da época.

Como pontos positivos podemos destacar o grande empenho de todos os acadêmicos que deram o máximo de si para incorporar o papel das personagens. Pode-se citar também a união dos mesmos a superar qualquer inimizade dentro da sala de aula. Não esquecendo do conhecimento adquirido, pois, através dessa época, podemos conhecer o contexto histórico vivido naquela época onde havia a escravidão e a preferência da alta burguesia diante dos mais necessitados, algo que ainda vemos na atualidade seja no Brasil ou em outro país.

Como pontos negativos, não houveram muitas necessidades ou condição desfavorável durante a organização e ensaio da comédia, apenas alguns atores/acadêmicos que deixavam de comparecer nos ensaios e isso prejudicava bastante aos que ali se esforçavam para se fazerem presente pois, na maioria das vezes havia o diálogo direto entre dois ou mais personagens e isso acabava atrasando o decorrer da peça.

Conclui-se neste relato o objetivo concluído com sucesso, seja na apresentação ou no conhecimento adquirido. Aprendi muito com esta peça, resultando em um bom trabalho e sensação de dever cumprido. Agradeço a todos os colegas que organizaram o cenário,

a vestimenta que foi um item de grande importância. O público presente e ao professor doutor Weberson Grizoste que nos deu a oportunidade de atuar e adquirir cada vez mais experiência no palco ou na sala de aula (Denner Machado).

É de extrema relevância, expor este relato, porque percebemos que apesar do ator entrar apenas em dois momentos no palco, vimos o quanto de conhecimento sobre o autor e o período ele conseguiu absorver. Logo outros participantes da peça, sentiram muito contentes de poderem interpretar personagens latinos sabendo que se tratava de um fato inédito nesta Universidade, o que faz com que tenhamos orgulho da área que escolhemos para nos profissionalizar.

Percebemos que Plauto, conectava seus personagens um no outro, assim um depende do outro para fazer sentido na hora da representação foi o que o ator, Odney Ramos Nogueira, que interpretou o ricoço do Demifão percebeu:

(...) era notório o nervosismo em cada um, em mim não era diferente, mesmo seguro das minhas falas o grupo tentava cada vez mais se unir, pois não adiantaria de nada se um de nós não fosse feliz em sua performance. (...) O resultado para mim foi satisfatório, tive a oportunidade de fazer parte desse grupo e poder viajar um pouco na literatura latina, através da obra de Plauto (Odney Nogueira).

Apesar da troca dos papéis, para que pudéssemos alocá-los nos personagens que pudesse desempenhar melhor, ficamos satisfeitos por ele ter gostado, pois à princípio foi um tanto complicado essa situação, mas terminou de maneira agradável. Ficou a satisfação de dever cumprido, porque ser responsável por uma obra plautina é responsabilidade que ainda não sabemos mensurar, pensar como Plauto e arrancar aplausos do público tem que ser artista, o que nos deixa muito satisfeitos e dotados de conhecimentos a respeito do poeta cômico latino.

### **Acerca da apresentação**

A representação foi recheada de surpresas, e adquiriu uma estética bastante amazônica, como seria de prever, principalmente nos momentos dramáticos e engraçados, cujos atores, entravam em cena através de duas portas semi-opostas, sugestão deles próprios no instante da apresentação. Por exemplo, os personagens: Sira (Edineide), O pai de Alcesimarco (Eloísa), Lampadião (Jardel) e Halisca (Cinara), entraram pela porta frontal e principal do auditório da Universidade Federal do Amazonas, provocando a bisbilhoteira ao cruzar pelos expectadores, não deixando também que a apresentação se tornasse enfadonha e com olhares apenas no palco. Eles ficavam na expectativa para as próximas cenas.

No ato III ocorre uma conversa entre a mãe adotiva de Selênio com Alcesimarco. A mãe Melênis nega a mão de Selênio ao jovem apaixonado, porque ele está comprometido com a filha de Demifão. Alcesimarco fica furioso e sai jurando se vingar de quem se opor ao amor que sente pela moça.

Na cena VIII do ato III, após Melênis ouvir a conversa do escravo Lampadião com sua ama Fonóstrata, a mãe adotiva sai assustada e vai buscar Selênio para contar a verdade e devolvê-la aos pais verdadeiros. Ordena Halisca, sua escrava, para que bata na porta da casa de Demifão, pede ainda para que a serva chamasse alguém de lá urgente. Nesse momento, Alcesimarco aparece querendo cometer suicídio com uma espada, e no meio da confusão, força Selênio a entrar na casa que tinham alugado para viver. Em seguida pede que após entrarem, que seu escravo Tinisco, tranque bem a porta com os ferrolhos. Nessa confusão é que Halisca perde a cestinha junto com os amuletos.

Sira é uma das personagens mais irreverentes da peça, trata-se de uma velha cortesã, considerada como esperta, cafetina, que conhece toda a história de vida da Selênio. Foi Sira quem recolheu a menina do hipódromo onde foi abandonada por Lampadião, a pedido de Fonóstrata, para que ela morresse. Como Melênis queria há muito tempo dar uma filha ao seu amante, um soldado fanfarrão, Sira aproveitou-se da oportunidade e recolheu Selênio e a deu à Cortesã. E logo ela deu à luz a criança. Somente Lampadião sabia quem tinha recolhido a criança, pois ele ficou observando até o final. Essa personagem foi interpretada Edineide Cursino Martins que desempenhou muitíssimo bem o seu papel. O Lampadião é o

típico escravo que se expande no palco, uma característica marcante do poeta latino, que dá bastante espaço ao escravo, assim como faz no *Truculento*, no *Gorgulho* e *Os Menémos*. Os escravos têm vez e voz para atuarem no palco. No caso de Lampadião, ele dá idéia e resolve os problemas familiares complicados. Fonóstrata pede a opinião dele quando percebe que sua filha está viva e que mora mais próximo do que pensava.

Gimnásio é a filha da velha cortesã Sira, e foi interpretada por uma acadêmica do terceiro período, Katrine, onde sua atuação foi um sucesso, pois sua vestimenta ficou caracterizada bem próximo do que imaginamos como uma grega antiga de longos cabelos, e sua performance ficou perfeita diante do público.

### Acerca do Cenário

Primeiro é bom ressaltar que não tínhamos familiaridade com o auditório da Universidade Federal do Amazonas, e que estávamos habituados a pensar a cena de acordo com o auditório da UEA. Valemo-nos apenas do palco oferecido pela instituição e um jogo de luz de seis cores simples, que trocava automaticamente a cada minuto causando um efeito de sombra atrás das personagens, porque foi o mínimo que conseguimos. Usamos todo o *layout* do auditório. Houve momentos que alguns dos próprios atores ficavam sentados no meio da plateia ,tomando-os de surpresa e expectativa. Foram momentos de surpreendentes interações com o público.

Não sendo o efeito como pensávamos inicialmente, os efeitos de luzes no palco surpreendeu-nos pela maneira como evidenciava os personagens realçando o brilho das vestimentas, porque todas elas eram feitas de seda, exceto a roupa da Halisca, feita de saca.

Tínhamos em mente os sábios conselhos de Maria Helena da Rocha Pereira, e sabíamos que as representações elaboradas para o teatro antigo são diferentes dos dias atuais, conforme a estrutura do teatro clássico:

O cenário era geralmente formado por um altar e três portas, que seguiam uma rígida convenção herdada do teatro grego: a esquerda conduzia ao porto ou ao

campo, a da direita à cidade e a do centro ao interior da casa.

Uma série de funcionários velava pelo espetáculo. Assim, o empresário (*dominus gregis*) tinha actores (*histriones, cantores*), que constituíam a *caterva* ou a *grex*, o *choragus*, responsável pelo guarda-roupa e pelos ornamentos. Um pregoeiro tinha a missão de impor silêncio para começar o espetáculo, um *dissignator* fazia as vezes do moderno arrumador e os *conquistores* mantinham a ordem. Nem a *claque* faltava, a avaliar pelas jocosas alusões de Plauto no prólogo do Anfitrião (Pereira, 1989, 67-68).

Claro que não faltava desejo de aproximarmos-nos o máximo possível dessa realidade. Contudo o nosso cenário tinha limitações óbvias, estávamos fora de nossa instituição, o que implicou na impossibilidade de criar certos ornamentos de palco. Nosso objetivo a partir de então foi investir no conteúdo. O que foi feito com muito empenho e disciplina dos actores. Também é bom lembrar, não pensamos em criar uma “claque”, e nossos actores encarregaram-se em provocar risos e palmas nos espectadores durante certos atos e cenas.

### Palavras e termos substituídos

Como já havíamos dito, tivemos que adaptar certos termos da tradução para a nossa linguagem, inclusive algumas palavras que não são usadas em nosso cotidiano, mas mais conhecidas. Elaboramos alguns destaques mais necessários. Os significados estão de acordo com o contexto da adaptação, da forma como compreendemos ao lermos a obra plautina, *vide abaixo alguns termos, na ordem: termos da tradução » termo da adaptação:*

Sumptuoso » Luxuoso  
 À socapa » Disfarçados  
 Pérfido » Traíçoeiro  
 Matrona » Esposa  
 Cortesã » Puta

Parvoice » Tolice  
 Blandívias » Carícia, meiguice  
 Eh pá » puxa vida, pow  
 Tipo às direitas » Sério  
 Forqueta » forca  
 Estola » Xale  
 Miles amator » soldado amante  
 Couraça » armadura  
 Queca » foda  
 Arranjadinha » enfeitadinha, arrumadinha  
 Eguazinha » eguinha  
 Maléfica » maldosa  
 Metediça » metida, atrevida  
 Despacha-te » anda logo  
 Miúda » moleca, menina  
 Ingrinhas » finas, magrinhas  
 Maçar » chatear  
 Maçador » chato

### **Características das Personagens**

Como todas as comédias de Plauto são de origem grega, mas escritas para o público romano, são do tipo *fabulae palliatae* (Couto, 2006, p. 12), de vestimentas de estilos gregos, e tentamos representá-lo, como se pode ver nas fotos:

Tivemos ajuda financeira do nosso orientador e professor Grizoste para a confecção das roupas. A costureira Elienay Bruna também ajudou-nos bastante com sua boa vontade e disposição. Tivemos como auxílio a Equipe de Figurino, composto por nossos colegas: Maria Jose Felix Batalha; Jociane Andrade Barbosa; Eloisa dos Santos Melo. Mostraram-se pessoas dedicadas o bastante aos estudos latinos e fizeram de tudo para estivesse tudo concluído a tempo.

### **Palavras do Professor**

É com imensa satisfação que vimos a representação da primeira obra latina na Universidade do Estado do Amazonas desde a nossa chegada. Tínhamos já realizado, em 2014, um recital dos epigramas de Marcial tendo por base o livreto *Marcial em traje de cena* dramatizado pelo grupo Thíasos do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, mas nada que se igualasse com a dramatização de um teatro latino. Bastante mais ao princípio pensávamos dramatizar a tragédia do *Príncipe dom João* de Diogo de Teive, mas entendemos que seria ocasião de iniciarmos o teatro de estudos clássicos apresentando uma comédia, ao invés de tragédia. Queríamos a princípio homenagear um nobre colega tradutor de *O Truculento*, mas o perfil dos alunos disponíveis maiormente composto por mulheres fez com que procurássemos uma obra latina com o maior número de personagens femininas.

Confiamos a direção d'*A comédia da Cestinha* a Nívia Ribeiro por diversos motivos e convém realçar que o fato de a acadêmica ter se dedicado a obra de Plauto, durante dois anos em Iniciação Científica, pesou a favor de todos – senti como se estivesse presenteando-a com uma última tarefa antes da sua conclusão do curso. Através da minha curta experiência no Thíasos e no Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, pude passar à monitora as funções de diretora com algumas diligências necessárias do teatro greco-romano, quanto a ornamentação do palco, quanto a montagem do figurino, que, sabíamos desde o princípio, inescapável de influência das manifestações culturais do Boi-Bumbá – de resto deixamo-la a vontade para fazer uma representação como bem entendesse, ou que em outras palavras: não ficasse só as matizes do professor.

Obviamente que temíamos pela não realização do teatro. Vi-me em parte do nosso conjunto de atores, porque nunca procurei exercer o papel principal nas representações teatrais – e muitas vezes, os limites podem esbarrar nos interesses. Temíamos ainda, porque também há tempos salientávamos a necessidade de levarmos a cabo a interpretação de uma obra teatral, ao invés de dramatizações ao nível de como fizemos com os epigramas de Marcial – obviamente, há diferenças entre interpretar um teatro, e dramatizar uma poesia ou um romance. Quando tudo parecia resolver-se, surgiu um novo percalço, não tínhamos disponibilidade de realizarmos nem o teatro, nem parte da I Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos nas

dependências do Centro de Estudos Superiores de Parintins. Referime a percalço e o fiz sem nenhum ônus semântico, é que a parceria com o doutor Renan Albuquerque alargou-se, agigantou-se. Mesmo assim preocupávamos com a representação do teatro: parte dos nossos alunos viviam as fases vitais do Trabalho de Conclusão de Curso, e parte deles passando pelo processo de recuperação da disciplina – que obviamente podiam influir no desempenho.

Ficamos irresolutos com o anúncio, de última hora, da desistência de um ator. Era a personagem de sempre, personagem que parecia recusar-se ir ao palco. Com este anúncio veio o comunicado de que Eloisa dos Santos Melo, uma das responsáveis pelo figurino, assumiria e arcaria com a responsabilidade de uma personagem cujo papel era masculino. Pouco sensível a esse tipo de representação travestida, encarei com desconfiança. Desconfiança que dissipou-se em lugar de um alívio em ter assistido a uma das melhores performances amadoras. Tínhamos acertado! Teríamos acertado mais ainda se Eloisa tivesse feito isso desde o início.

Nosso interesse ia além dessa representação. Pensávamos em filmar, insistimos com um bolsista, buscamos informações, mas entre os afazeres da I Jornada, publicações do evento, recepção de palestrantes e participantes, não tínhamos, ou não encontramos, um ombro a quem pudesse confiar essa tarefa. A toque de caixa encontramos uma discente de Comunicação que, certificando-nos dos limites daquela filmagem, prontificou-se a gravar. A gravação deixou-nos animado a produzir um documentário sobre a primeira peça teatral latina representada em Parintins «segundo os nossos conhecimentos». Dias depois recebemos uma resposta fatídica: alguém furtou o HD que continha nossa filmagem, e assim demovemo-nos da ideia de fazer um documentário, já que indisponos da primeira filmagem. A utilização daquela câmera para a filmagem obrigou-nos à perda de outras fotos com qualidade – e de qualquer forma parece-nos condenada pelo destino que levou. Presenteou-nos, contudo, o destino, a gentileza de Adriana Souza que garantiu-nos algumas fotografias. Posto de lado todas as peripécias, encontramos nos *Anais da I Jornada* uma possibilidade de gravação e divulgação, e também para memória, dessa representação teatral, através de uma modalidade já conhecida: o relatório, nos moldes do que vimos fazer no *Thiasos*. Fornecemos exemplos à diretora da peça

e atrasamos a edição dos anais em nome dessa atualização de dados. Finalizando esta experiência devo manifestar a minha mensagem de gratidão aos participantes dessa interpretação, alguns deles, já agora, professores.

### **Ficha Técnica**

Tradução: Aires Pereira do Couto  
 Direção executiva: Weberson Fernandes Grizoste  
 Adaptação e Direção: Nívia Maria Messias Ribeiro

#### **Elenco**

Selênio - Diana Ligia Nascimento de Matos  
 Alcesimarco - Ileison Teixeira Correa  
 Halisca - Cívara Ribeiro de Souza  
 Tinisco - Denner Souza Machado  
 Demifão - Odney Ramos Nogueira  
 Sira - Edineide Cursino Martins  
 Fonostrata - Andreila de Souza e Souza  
 Lampadião - Jardel Cruz Dutra  
 Melênis - Karol Farias Garcia  
 Gminasio - Katrine dos Santos Dutra  
 Amiga - Tatiana de Oliveira Pereira  
 Pai de Alcesimarco - Eloisa dos Santos Melo

#### **Figuristas**

Eloisa dos Santos Melo  
 Jociane Andrade Barbosa  
 Maria José Félix Batalha  
 Costureira – Elienay Bruna Barbosa Gama

### **Referências Bibliográficas**

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Estudos de história da cultura clássica*, vol. 2, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, 13-34; 39-83; 321-423.  
 PLAUTO, *A comédia da Cestinha (Cistellaria)*, Trad. Aires Pereira do Couto, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.  
 SILVA, Maria de Fátima Sousa e, BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro (orgs), *Tradução e Recriação*, Belo Horizonte, FLUFMG, FLUC, 2010.

Fotos (Adriana Souza)





Equipe de *Cistellaria* 2016